

Reflexos da iconicidade no discurso narrativo

Edair Gorski*

Abstract

The analysis of oral and writing narratives points out different signals of iconicity in the hierarchical organization of topics and subtopics. Empirical results show that the oral modality is predominantly oriented by the linear order semantic principle and the writing modality by the proximity principle.

Introdução

Este trabalho insere-se numa linha funcionalista que coloca em evidência a noção de domínio funcional complexo, resultante da interação de motivações cognitivas, comunicativas e, eventualmente, estruturais. Pretende-se mostrar, a partir de resultados empíricos, a existência de uma forte correlação função-forma, na codificação do tópico semântico-discursivo em narrativas, reafirmando-se a premissa de que a “estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa” (Givón, 1995:09). Para tanto, procura-se observar a atuação do princípio icônico da proximidade, segundo o qual “entidades que estão mais próximas funcional, conceptual ou cognitivamente serão colocadas mais próximas no nível da codificação, i.é., temporal ou espacialmente” (op. cit. 1991b:89); e do princípio semântico da ordem linear, pelo qual “a

* Universidade Federal de Santa Catarina.

ordem das orações no discurso coerente tenderá a corresponder à ordem temporal de ocorrência dos eventos descritos” (op. cit., p. 92). Esses princípios têm como corolário o princípio meta-icônico da marcação assim formulado: “categorias que são cognitivamente marcadas - i.é., complexas - tendem a ser também estruturalmente marcadas” (op. cit., p. 106).

Por outro lado, deseja-se evidenciar que pode haver princípios em competição interagindo e restringindo a iconicidade da relação função-forma, que passa a exibir vestígios de arbitrariedade.

O artigo está organizado da seguinte maneira: num primeiro momento, discute-se a questão do tópico semântico-discursivo; a seguir, focaliza-se a organização hierarquizada do tópico da narrativa; descreve-se, então, a metodologia utilizada; em seqüência abordam-se os princípios icônicos e codificação lingüística; por fim trata-se da iconicidade na fala e na escrita e apresentam-se as considerações finais.

1. O tópico semântico-discursivo

Abordada de duas maneiras: como um artefato observável no texto e/ou como um fenômeno cognitivo na mente de quem produz e compreende o texto; de igual modo, a função comunicativa pode ser definida heurísticamente (com base no texto) ou cognitivamente (com base no processo) (Givón, 1995:343). Um discurso tematicamente coerente caracteriza-se por apresentar “continuidade ou recorrência de alguns elementos em trechos do texto”, dentre os quais mais facilmente mensuráveis seriam: os referentes, a temporalidade, a aspectualidade, a modalidade, a localização e as ações (op. cit.). O tema propriamente dito, que é a entidade hierarquicamente mais alta, é o mais nebuloso e difícil de ser medido.

O discurso/texto é representado na memória episódica como uma “rede de nós conectados”, numa estrutura hierárquica e seqüencial (op. cit., p. 345). Tais nós correspondem a nós temáticos e são acessados através de buscas na memória que se dão a curta distância no interior do nó temático corrente, ou dirigidas ao nó temático precedente ou ao dominante (op. cit. 1990:941). Para Givón, os nós são identificados e nomeados através de tópicos referenciais.

Considerando-se, porém, tratar-se de nós temáticos que recobrem, via de regra, um conjunto de cláusulas, propõe-se que seriam mais adequadamente identificados e nomeados por meio de tópicos semântico-discursivos, depreendidos da seqüência discursiva em questão, funcionando como sínteses de tais seqüências. Em decorrência, pode-se dizer que a topicalidade, enquanto propriedade geral de organização do discurso, manifesta-se em camadas hierárquicas de tópicos e subtópicos que necessitam ser captados em seu grau de abrangência, identificados

e acomodados em seus respectivos nós temáticos. Expandindo a noção de tópico de modo a abrigar, além do tópico referencial codificado através de sintagmas nominais, também o tópico semântico, não codificado explicitamente no discurso, passa-se a abordar o fenômeno da topicalidade em dois níveis: no nível linear da codificação sintática e no nível hierarquizado da organização semântica do discurso.

A topicalidade situa-se num domínio funcional complexo. Do ponto de vista cognitivo, sua natureza é discreta, baseada no contraste entre ativação continuada e interrompida de nós conectados em rede. Do ponto de vista discursivo, sua natureza é escalar, visto que normalmente existe um continuum de funções comunicativas lingüisticamente codificadas que correspondem a uma única variável cognitiva, como por exemplo as diferentes construções de topicalização, no que se refere ao tópico referencial (Givón, 1995:335).

2. Organização hierarquizada do tópico da narrativa

O falante, ao reportar experiências passadas, o faz a partir da percepção e interpretação dos fatos arquivados na memória. Nesse processo, desempenham papel relevante os frames, entendidos como padrões culturalmente determinados, resultantes de modelos de situação recorrentes, que orientam a organização do conhecimento e auxiliam na interpretação da experiência; e os esquemas discursivos, vistos como padrões decorrentes de modelos de discurso que se regularizaram pela recorrência em contextos comunicativos de natureza variada.

Esses esquemas de base estruturante atuam na distribuição hierarquizada da informação, orientando a organização do discurso em geral em tópicos e subtópicos. No que se refere especificamente à narrativa, propõe-se que a propriedade geral de topicalidade correlaciona-se à estocagem organizada de episódios e eventos (percebidos como ações/estados que se desenrolam integradamente num espaço e tempo determinados, e cujos elementos estabelecem relações entre si). Assim, pode-se estabelecer uma correlação entre tópicos e subtópicos, constituintes do discurso em geral, e episódios e eventos, constituintes da narrativa.

Os episódios correspondem a cenários cuja mudança está vinculada à (re)orientação, que pode se dar em termos de espaço, tempo e/ou participantes. São constituídos por um conjunto de

eventos relacionados, discursivamente recobertos por um tópico semântico. Já os eventos correspondem a "centros de interesse" (Chafe, 1980) contendo ações/estados com graus variáveis de integração, discursivamente recobertos por um subtópico semântico.

3. Metodologia

Foram analisadas vinte e cinco narrativas de experiências pessoais produzidas por igual número de informantes cariocas, distribuídos em três graus de escolaridade: universitários, 2º grau e 1º grau. Como cada uma das narrativas foi produzida nas suas versões oral e escrita, foram analisados ao todo cinquenta textos, produzidos num intervalo de tempo de cerca de uma semana entre as versões oral e escrita do mesmo assunto. Esse *corpus* faz parte do Projeto Discurso & Gramática da UFRJ.¹

As narrativas foram segmentadas em episódios e eventos², com identificação dos respectivos tópicos e subtópicos. Cada par de textos foi comparado quanto à organização da topicalidade e às estratégias lingüísticas de codificação. Os resultados são apresentados e discutidos a seguir.

4. Princípios icônicos e codificação lingüística

No total de relatos analisados, foram delimitados 285 **episódios**, o que equivale a uma média de aproximadamente seis episódios por narrativa. O primeiro episódio costuma apresentar características comuns; é o responsável pela contextualização do relato, envolvendo um complexo de elementos: localização e caracterização espaço-temporal, apresentação e caracterização dos participantes e apresentação do tópico global. Este primeiro episódio tem uma função específica: assinala a abertura da narrativa e, situando o que vai ser reportado, passa a funcionar como pano de fundo para o desenrolar dos demais episódios; é, na verdade, uma macroepisódio.

Os episódios intermediários caracterizam a narrativa propriamente dita, mostrando a seqüência de ações de acordo com a cronologia temporal, apoiada em passagens descritivas e comentários avaliativos. Nas narrativas analisadas, foi encontrada apenas uma ocorrência de episódio deslocado na linha do tempo, exemplificado a seguir.

1 Este *corpus* foi analisado em minha tese de doutorado, com alguns resultados parcialmente retomados neste artigo.

2 Um exemplar de narrativa oral e escrita segmentada em episódios e eventos é apresentado em anexo.

Versão escrita (N8E-3F-MCB)

(...)

EPISÓDIO 6: *APARECIMENTO DA BABÁ COM A CRIANÇA*

às duas e meia da tarde, a moça apareceu com o menino que vinha dormindo tranqüilamente no carrinho

EPISÓDIO 7: *ACIDENTE NO ELEVADOR E PROVIDÊNCIAS TOMADAS*

ao sair do elevador, ela deixara prender o dedinho dele na porta

e, sem avisar o porteiro nem a ninguém, resolveu levá-lo ao INPS para fazer uma radiografia

conclusão: foi com ele empurrando o carrinho debaixo do sol quente

enfrentou quatro horas de fila

e depois fez todo o caminho de volta nas mesmas condições

No exemplo anterior, a seqüência registrada no episódio 7 antecede cronologicamente a ação que compõe o episódio 6. Entretanto, há coerência discursiva na narrativa, pois a informante relatava seus momentos de angústia devido ao desaparecimento do filho com a babá, falava sobre as providências tomadas e, no decorrer de dois episódios anteriores aos transcritos, detalhou o processo de busca do filho. O aparecimento da babá com a criança foi, na realidade, o episódio de culminância da busca, e mantém o encadeamento natural do discurso.

Temos, aqui, um exemplo típico de seqüência discursiva que não tem correspondência temporal. Entretanto, o rompimento da ordem cronológica das ações só se configura como inversão na seqüência temporal real, mas não na seqüência discursiva. Nesse caso, a motivação discursiva da continuidade do tópico é mais forte do que a que está associada à percepção da seqüência temporal dos fatos. A chegada da babá com a criança é o ponto alto daquele trecho do relato centrado na angústia da procura. As ações que causaram o afastamento dos participantes aparecem posteriormente para justificar a ausência dos mesmos. Logo, o efeito (episódio 6) foi codificado antes de sua causa (episódio 7), por ser, nesta situação, mais relevante no discurso do que a causa, cujo papel discursivo é o de justificativa de uma situação.

Já o último episódio das narrativas em geral apresenta basicamente a função discursiva de apresentação da seqüência final de ações culminando com o encerramento do relato. Na fala, às vezes ocorre uma aproximação com o momento da enunciação.

O processo de segmentação das narrativas em episódios e a análise da constituição dos mesmos mostra, a par da organização hierarquizada das informações, um isomorfismo sistemático entre ordenação cronológica e codificação seqüencial, refletindo de forma transparente o princípio semântico da ordem linear, aqui transcrito: “a ordem das orações no discurso coerente tenderá a corresponder à ordem temporal de ocorrência dos eventos descritos” (Givón, 1991b:92). O único caso que fugiu à regra (exemplo 01) pode ser perfeitamente explicado pelo princípio pragmático da ordem linear, pelo qual “informação mais importante ou urgente tende a ser colocada primeiro no fluxo” do discurso (op. cit., p. 93). A análise dos episódios com a depreensão dos respectivos tópicos semântico-discursivos evidencia, portanto, comportamento similar no encadeamento discursivo na fala e na escrita, com o princípio semântico da ordem linear atuando igualmente nos dois canais.

Com relação aos eventos, como os mesmos são definidos com base na percepção mais ou menos integrada de ações/estados, as unidades que os codificam também são caracterizadas por se apresentarem mais ou menos integradas, refletindo os graus variáveis de integração que os primeiros representam. Verificou-se, no decorrer da análise, a presença de uma relação icônica entre função e forma, no sentido de que uma integração mais frouxa entre ações/estados refletisse lingüisticamente na combinação de duas ou mais unidades de codificação; uma integração mais estreita é codificada por uma única unidade complexa. Por conta desse isomorfismo, unidades de codificação simples e complexas se alteram ou se combinam na codificação dos eventos. Veja-se o exemplo:

Versão escrita (N12E-3M-CBG)

(...)

EPISÓDIO 4: *O ASSALTO*

EVENTO 1: *Parada junto ao carro*

O táxi parou defronte meu carro

EVENTO 2: *Descida do passageiro*

o passageiro desceu

EVENTO 3: *Batida no vidro*

e armado bateu no vidro da janela

EVENTO 4: *Abertura do vidro*

eu abri o vidro

EVENTO 5: *Anúncio do assalto*

e então ele anunciou o assalto dizendo que só queria o dinheiro

Os eventos 1, 2 e 4 acima são representados, respectivamente, por uma unidade de codificação simples, representando graus mais frouxos de integração entre si; já os eventos 3 e 5 são codificados por unidades sintaticamente complexas, refletindo um grau mais estreito de integração entre as ações/estados que os constituem. O episódio transcrito abaixo mostra eventos mais fortemente integrados:

(03) Versão escrita (N9E-3M-ACD)

(...)

EPISÓDIO 3: *ENCONTRO NO TRÂNSITO ENGARRAFADO*

(...)

EVENTO 2: *Contato inicial entre os participantes*

e aí consegui falar com o guitarrista do grupo que tinha notado que eu os havia reconhecido

EVENTO 3: *Pedido de disco*

como bom fã, perguntei se eles possuíam disco novo pra me dar

EVENTO 4: *Resposta negativa*

mas o vocalista gesticulou que não

O grau de integração dos eventos é variável e isso se reflete na estrutura da codificação. O evento 2 do exemplo acima apresenta nítida integração em 'consegui falar', associando intimamente duas situações relativas a um mesmo participante numa construção em que o primeiro verbo funciona como modal de realização. A integração se verifica, ainda, entre a ação de falar com o guitarrista, o fato de o informante ter reconhecido o grupo de rock do qual faz parte o guitarrista, e o fato de este ter percebido o reconhecimento daquele. Reconstituindo a cronologia dos fatos, temos a seguinte ordenação: a) o informante reconhece os integrantes de um grupo de rock; b) o guitarrista do grupo percebe que o conjunto foi reconhecido; c) o informante tenta falar com o guitarrista; d) o informante realiza seu intento. A codificação, no entanto, não se deu nesta ordem. No evento 2 o que atuou foi o princípio comunicativo da continuidade do tópico referencial, associado ao princípio icônico da proximidade. Vejamos como isso acontece.

O entrevistado, relatando um encontro no engarrafamento, conduz da seguinte maneira a narrativa:

(04) (...)

notei que numa kombi, ao nosso lado, passaram os rapazes do grupo de rock "Ira"

mas não consegui ficar ao lado da kombi, que era da Rede Manchete, por causa do trânsito

porém logo depois nossos carros ficaram emparelhados
*e aí consegui falar com o guitarrista do grupo que tinha
notado que eu os havia reconhecido*

Observe-se que o tópico referencial primário está centrado na primeira pessoa: 'notei', 'não consegui', 'consegui'; mesmo em 'nossos carros' o informante está incluído. Como o tópico corresponde explicitamente à pessoa do falante, é natural que o discurso continue centrado neste tópico. Por outro lado, a codificação integrada dos fatos, verificada na codificação em negrito em (04), reflete o princípio da proximidade no que tange ao seguinte: elementos que estão cognitivamente próximos serão colocados mais próximos ao nível da codificação. A atuação simultânea desses dois princípios justifica a codificação integrada do evento, com a ação do falante em relevo e as demais a ela ancoradas.

Os eventos integrados apresentam graus variáveis de complexidade sintática nas unidades de codificação. O último evento do exemplo (03), representado por "mas o vocalista gesticulou que não", por envolver dois aspectos factuais interligados - a resposta traduzida em gestos e o próprio conteúdo da resposta - é codificado com menor complexidade estrutural que os demais eventos do mesmo episódio, que envolvem um número maior de fatos. Tal complexidade estrutural é depreendida pela codificação que integra o verbo com seu complemento oracional, sendo que a oração complemento traz o verbo omitido, refletindo o próprio tipo de resposta dada pelo guitarrista ao informante: apenas um gesto significativo.

Na codificação do grau de integração dos eventos, há mecanismos de natureza variada que interagem, o que pode ser observado nas seguintes correlações estabelecidas com base em Givón (1991b):

- (a) quanto mais integrados semanticamente estiverem as ações e/ou estados, maior a probabilidade de:
 - i) constituírem um único evento
 - ii) serem codificados numa única unidade;
- (b) quanto mais cotemporalidade entre ações/estados, maior integração;
- (c) quanto mais tópicos referenciais partilhados entre as orações, maior integração;
- (d) quanto menos agentivo o sujeito da oração subordinada (nos casos de não correferencialidade do sujeito), maior integração;
- (e) quanto mais nominal a morfologia verbal da oração subordinada, maior integração;
- (f) quanto menos material interveniente, maior integração.

Observe-se que a correlação (b) é transparentemente icônica, refletindo o princípio da proximidade. A (c) e a (d) representam meca-

nismos discursivos apontando diretamente para a questão da continuidade do tópico. A correlação (e) é claramente derivada de convenções gramaticais. A (f) combina motivação icônica (princípio da proximidade) e estrutural. Os mecanismos (b-f) interagem na codificação de eventos integrados.

Nesta seção, mostramos a atuação de princípios icônicos na codificação lingüística de episódios e eventos. Destacamos ainda a possibilidade de motivações em competição, fenômeno que vem atenuar o vínculo icônico entre função e forma. A seguir, nos deteremos na análise comparativa entre fala e escrita.

5. Iconicidade na fala e na escrita

Observando-se a distribuição dos episódios de cada narrativa na versão oral e na versão escrita, constatou-se que 96,5% do total de episódios foram codificados simetricamente nos dois canais (de um total de 145 tópicos semânticos identificados, 140 aparecerem igualmente nas duas versões). Na pequena margem de discrepância, foi encontrado um caso de integração de dois episódios na escrita. Vejam-se os trechos a seguir:

(05) Versão oral (N18O-2F-APA)

MACROEPISÓDIO: *CONTEXTUALIZAÇÃO*

foi agora há pouco tempo
eu tava em casa sentada estudando
meus pais tinham viajado
eu tava sozinha em casa
aí ... eu completamente alienada, né? Estudando

EPISÓDIO 2: *CONFUSÃO NA RUA*

de repente eu só escuto um estrondo né?... alto assim...
aí eu falei assim: ué...
mas voltei aos meus estudos
e continuei estudando
daqui a pouco eu escuto uma barulhada lá embaixo
porque o meu apartamento é de frente, né?...
então eu escutei uma confusão na rua aquela coisa

(06) Versão escrita (N18E-2F-APA)

MACROEPISÓDIO: *CONTEXTUALIZAÇÃO e CONFUSÃO NA RUA*

um dia eu estava em casa estudando,
quando de repente eu ouvi a sirene do corpo de bombeiro

Observe-se que os tópicos mais gerais estão presentes nos dois canais. A diferença fica por conta da quantidade maior de informações correspondentes a subtópicos na fala.

Quanto à distribuição dos eventos, constatou-se que a maioria dos subtópicos (61%) encontra correspondência entre fala e escrita (dos 582 identificados, 354 são comuns aos dois canais). A diferença entre as duas versões deve-se basicamente a integração e a inferência e, em menor escala, a ausência do evento. Vejam-se os exemplos a seguir que mostram graus variáveis de integração dependendo do canal de codificação.

(07) Versão oral (N3O-3f-PAB)

(...)

EPISÓDIO 4: *A CHEGADA AMEAÇADORA DE UM CAMINHÃO*

EVENTO 1: *Parada do caminhão*

nisso parou um caminhão
e só tinha mulher
só tinha as meninas
eu era a mais velha
e veio o caminhão

EVENTO 2: *Descida do motorista*

O motorista saltou

EVENTO 3: *Descida do acompanhante*

o outro também

Versão escrita (N3E-3F-PAB)

(...)

EVENTO INTEGRADO: *Parada do caminhão e descida dos ocupantes*

no momento em que ficamos sozinhas
um caminhão parou
saltando dois homens muito estranhos

Nas passagens precedentes temos informações codificadas como três eventos na fala, que foram integradas em apenas um evento na escrita. Novamente encontramos no relato oral uma seqüência de unidades simples codificando a ordenação cronológica de ações: 'parou um caminhão', 'o motorista saltou' e 'o outro também', que se desenrolam apoiadas num fundo cotemporal estático: 'e só tinha mulher', 'só tinha as meninas', 'eu era a mais velha'. Observe-se como a informante retoma a informação que abre o evento 'nisso parou um caminhão', ao final da descrição de fundo, 'e veio o caminhão', para reorientar coesivamente o discurso e dar seqüencialidade às demais ações. A escrita apresenta-se numa construção sintaticamente complexa que representa os eventos integradamente.

Outra característica que distingue a fala da escrita diz respeito ao maior número de unidades descritivas que vão dando suporte à reconstituição passo a passo dos acontecimentos narrados oralmente, em oposição ao maior número de inferências ocasionadas pela escrita.

Observe-se:

(09) Versão oral (N2O-3F-API)

(...)

EPISÓDIO 2: *O CHAMADO NÃO PERCEBIDO*

EVENTO 1: *O chamado da mãe*

minha mãe chamou pra ir embora do supermercado

EVENTO 2: *Não percepção do chamado*

mas eu não devo ter ouvido

porque eu tava entretida vendo a vitrine

EVENTO 3: *Saída da família*

ai meu irmão foi com a minha mãe

EPISÓDIO 3: *PERCEPÇÃO DO ISOLAMENTO e SAÍDA*

EVENTO 1: *Percepção do isolamento*

quando eu olhei

não tinha ninguém conhecido perto

EVENTO 2: *Saída do supermercado*

eu fui embora

porque minha mãe foi embora

eu vou embora pra casa também

(10) Versão escrita (N2E-3F-API)

(...)

EPISÓDIO 2: *O CHAMADO NÃO PERCEBIDO*

EVENTO 1: *O chamado da mãe*

minha mãe me chamou

EVENTO 2: *Não percepção do chamado*

e eu não ouvi

EVENTO 3: *Saída da família*

*

EPISÓDIO 3: *PERCEPÇÃO DO ISOLAMENTO e SAÍDA*

EVENTO INTEGRADO: *Percepção do isolamento e saída do supermercado*

quando eu olhei

e não vi minha mãe

saí correndo do CB pensando que ela já tinha ido pra casa

Na versão escrita, o afastamento da mãe com o irmão não foi explicitamente mencionado, mas é inferido pelo contexto discursivo. A codificação escrita dá margem a maior número de eventos inferidos pois, tanto do ponto de vista do emissor como do receptor da informação escrita, existe mais flexibilidade no processamento da informação, principalmente devido à baixa interferência do fator tempo.

Tanto o mecanismo semântico-sintático de integração de eventos como a estratégia cognitiva da inferência são grandemente responsáveis pelo menor número de eventos na escrita.

Por fim, testada empiricamente, mostrou-se verdadeira a premissa de que “a relação não-arbitrária estrutura-função mais óbvia é a de isomorfismo, onde nós maiores e suas relações na função codificada estão refletidos - mais ou menos um-para-um - nos nós e relações correspondentes na estrutura de codificação” (Givón, 1990:968). Uma primeira evidência pode ser apontada no fato de que praticamente todos os tópicos e subtópicos codificados na fala também o foram na escrita. Outras evidências estão associadas à especialização de funções das unidades de codificação que abre episódios e eventos e das que desenvolvem internamente os eventos. As unidades introdutoras de episódios caracterizam-se marcadamente pelos seguintes traços semânticos e discursivos: são indicativas de localização espaço-temporal ou temporal, e iniciadoras de seqüencialidade; as unidades introdutoras de eventos especializam-se como continuadoras de seqüencialidade; ambas contrapõem-se às unidades de codificação que simplesmente desenvolvem eventos, caracterizadas por sua função descritiva e de ação não seqüencial.

De um ponto de vista cognitivo, pode-se dizer que passagem de um tópico ou subtópico para outro implica a desativação de um nó temático corrente e a ativação de um novo nó para alocar as informações pertinentes; o processo de mudança envolve deslocamento da atenção, portanto um esforço maior do que a ativação continuada de um mesmo nó temático, e essa passagem tem uma contraparte na codificação lingüística. O que é previsto e explicado pelo princípio meta-icônico da marcação: “categorias que são cognitivamente marcadas - i.é., complexas - tendem a ser também estruturalmente marcadas” (Givón, 1991b:106). Uma vez mais, portanto, constata-se que a forma espelha a função.

Considerações Finais

Foi verificado que há um isomorfismo sistemático entre a ordenação cronológica dos episódios e a codificação seqüencial dos

mesmos; e entre a percepção de eventos integrados com graus variáveis e a codificação em unidades simples, complexas com encaixes ou combinadas, refletindo uma percepção mais ou menos integrada dos eventos. Quanto aos graus de integração e à estrutura hierarquizada da narrativa, constatou-se que o grau mínimo corresponde à mudança de episódio, um grau intermediário equivale à passagem de um evento a outro, e um grau maior representa ações/estados vinculados no interior de um evento.

A codificação escrita favorece a apresentação de eventos integrados, de modo que subtópicos distribuídos em dois ou mais eventos autônomos na fala aparecem, frequentemente, vinculados em um único evento na escrita. Esse comportamento distinto dos canais quanto ao fenômeno da integração, pode ser explicado pela atuação diferenciada do princípio geral da iconicidade. Na fala, parece estar atuando com mais intensidade o princípio da ordem seqüencial, fazendo com que o relato retrate mais vivamente as ações e reações, de modo a reconstituir detalhadamente e passo-a-passo os eventos. Na escrita, parece atuar mais intensamente o princípio da proximidade, o que justifica a quantidade maior de integração verificada nesse canal, através da aproximação, no nível da codificação, de informações que estão cognitivamente próximas, ou seja, de ações e/ou estados percebidos de modo integrado. A maior atuação do princípio da proximidade na escrita possivelmente esteja associada à força das pressões formais típicas do código escrito, que o tornam estruturalmente mais complexo do que a fala. Esta complexidade estrutural aparece aliada à complexidade cognitiva, já que, de acordo com Chafe (1980:31), as estratégias de subordinação, mais presentes na integração, exigem uma concentração maior de "focos de consciência" no processo de verbalização, o que naturalmente dificulta esse tipo de processamento na fala, devido às limitações de capacidade e duração de cada foco.

Anexo

*Acidente na Rio-Manilha (N30-3F-PAB) - Versão Oral**

[Bom... é de risco também...// eu tava vindo de Bugre.../ no carro eu, meu namorado, três pessoas atrás// e de repente... tinha chovido.../ a

* Legenda

[] - início e fim de episódio

// - segmentação de eventos: unidades semântico-discursivas constitutivas dos episódios

/ - segmentação das unidades de codificação dos eventos/episódios

gente vinha ali pela Rio-Manilha.../ a estrada estava derrapando...]1 [ele foi cortar um carro // de repente o carro derrapou / começou a rodar na pista...// rodava / batia num muro do lado... // rodava, rodava / batia no outro... // aquela loucura o carro rodando // e aí caiu no meio do mato virado...]2 [a gente saiu correndo / que a gente pensou que o carro fosse explodir... // felizmente graças a Deus ninguém se machucou seriamente / só arranhou, essas coisas... // aí a gente saiu todo mundo apavorado né... // e tinha criança... criança não mas umas meninas mais novas atrás... // aí ele foi procurar ajuda... / foi num posto que tinha perto...]3 [nisso parou um caminhão / e só tinha mulher / só tinha as meninas / eu era a mais velha... / e veio o caminhão... // o motorista saltou... // o outro também... // aí eles vieram andando assim meio sinistros olhando pra gente... // a gente não sabia o que fazia... / as meninas querendo correr ... atravessar a estrada / e eu apavorada... / a gente rezando...]4 [aí por sorte ele voltou... / ele já tinha conseguido falar lá com alguém... / ele voltou // aí falou com os caras / deu uma dura nos caras // os caras foram embora]5 [aí ele conseguiu... no posto conseguiu que um carro parasse / que ficasse com a gente... / o carro que tinha visto o acidente parou / ficou com a gente // enquanto isso ele foi lá no posto... / voltou / ligou pro meu pai...]6 [aí meu pai foi... // pegou a gente... / me levou um reboque... // rebocou o carro]7 [aí por sorte, quer dizer, por sorte não né / porque o carro ficou... acabou com o carro / o seguro deu perda total ... // mas nada aconteceu de grave com ninguém né...]8 [foi isso]

Acidente na Rio-Manilha (N3E-3F-PAB) - Versão escrita

[Na volta de um feriado que passei em Búzios no ano retrasado, estávamos no carro: meu namorado, a irmã dele e eu / e vínhamos pela estrada Rio-Manilha. // Tinha chovido muito / e a estrada estava escorregadia.]1 [De repente quando meu namorado tentava ultrapassar um carro, / o nosso derrapou / e rodou no meio da pista / batendo em ambas as proteções que cercam a mesma / e caindo no mato.]2 [Nossa sorte foi que ninguém se machucou seriamente / apesar do carro ter ficado totalmente destruído. // Saímos para o acostamento da estrada // e meu namorado foi correndo até um posto de gasolina próximo pedir auxílio.]3

[No momento em que ficamos sozinhas / um caminhão parou / saltando dois homens muito estranhos. // Ficamos todas assustadas // e tentei acalmá-las / pois eu era a mais velha.]4 [Felizmente meu namorado voltou / quando percebeu o perigo de nos ter deixado sozinhas]5 [e

também um outro carro parou // e o motorista se propôs a ficar conosco / enquanto meu namorado voltava ao posto para telefonar para meu pai.]6 [Ele veio algum tempo depois trazendo um reboque // porém o seguro deu perda total do veículo.]7

[Mas o que importa é todos estarmos vivos e bem / porque o susto foi muito grande / e podíamos ter morrido.]8

Referências Bibliográficas

- CHAFE, Wallace. (1980) "The deployment of consciousness in the production of narratives". In: *The pear stories: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex.
- GIVÓN, Talmy. (1990) *Syntax - a functional-typological introduction*, vol.II. Philadelphia: J. Benjamins.
- . (1991 a) *Functionalism and grammar: a prospectus*. University of Oregon.
- . (1991 b) "Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations". In: *Studies in language 15-1*. Philadelphia: J. Benjamins.
- . (1995) *Functionalism and grammar*. (1995) Philadelphia: J. Benjamins.
- GORSKI, Edair. (1994) *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de doutorado.